

# Manchete

Cr\$ 15,00 • N.º 1.275 • RIO DE JANEIRO, 25 DE SETEMBRO DE 1976

Cobertura completa

## A China sem **MAO**

em cores

### **JAPÃO** **PAÍS** **ELETRÔNICO**

Nostalgia

### **Os bons** **tempos** **da Rádio** **Nacional**

pg. 54

### **Todos os** **segredos do** **MIG-25**

### Medicina **Transplante** **de** **RIM**

**as alegrias**  
**de uma**  
**segunda**  
**vida**

AMAZONAS, PARÁ, ACRE, RONDÔNIA, TOCANTINS E AMAPÁ (VIA AÉREA) Cr\$ 20,00/PORTUGAL ESC. 40\$00



**MAO TSÉ-TUNG**, o homem que liderava um quarto da população da Terra, entre outras coisas escreveu um dia: "Devemos estar sempre preparados para deixar nossos postos e ter sempre sucessores à mão." O grande enigma da China atual é justamente este: como será resolvido o problema sucessório num país altamente complexo, com 900 milhões de habitantes? Sobre Mao, o político, o filósofo, o professor, o poeta, damos uma reportagem completa, que mostra também a repercussão de sua morte, na China e no mundo, e analisa as chances de seus mais prováveis herdeiros. A viagem do Presidente Geisel merece também destaque nesta edição: além dos artigos de Murilo Melo Filho e David Nasser, publicamos uma reportagem de Zevi Ghivelder sobre o **Japão/País Eletrônico**. Destaco ainda, na área da medicina, um depoimento exclusivo do Dr. Ivo Pitanguy e uma história de grande interesse humano: **Transplante de Rim/As Alegrias de uma Segunda Vida**.

**ROBERTO MUGGIATI**

**BLOCH EDITORES S.A.**

Diretoria:  
**ADOLPHO BLOCH**  
**OSCAR BLOCH SIGELMANN**  
**PEDRO JACK KAPPELLER**  
Diretores:  
**DIRCEU TORRES NASCIMENTO**  
**ISAAC EDUARDO HAZAN**  
**MURILO MELO FILHO**  
**PAULO PELLICANO**  
Departamento de Jornalismo:  
Diretor:  
**ARNALDO NISKIER**  
Diretor Responsável:  
**NELSON ALVES**

Manchete é associada do  **IMPRESSA COM TINTAS BLOCH**

**MANCHETE**  
DPF/DCDP-244 P 209/73

DIRETOR-EDITOR:  
Justino Martins  
DIRETORES-EXECUTIVOS:  
Zevi Ghivelder  
Roberto Muggiati

REDATORES:  
Wilson Cunha  
R. Magalhães Júnior,  
Carlos Heitor Cony,  
Heloneida Studart,  
Flávio de Aquino,  
Caio de Freitas,  
Ivan Alves  
REPORTERES:  
Ney Bianchi,  
João Luiz de Albuquerque,  
José Rodolpho Câmara,  
Atenêia Feijó,  
Irineu Guimarães,  
Celso Arnaldo Araújo,  
Ib Teixeira, Suzana Tebet,  
Ricardo Noblat e  
Luiz Ricardo Leitão

COLABORADORES:  
Paulo Mendes Campos  
Pedro Bloch e Josué Montelo

ARTE:  
Wilson Passos  
Nelson Gonçalves,  
Pedro A. Guimarães

FOTOGRAFIA:  
Nicolau Drei, Jäder Neves,  
Gervásio Batista,  
Juvênio de Souza e  
Antônio Rudge

PRODUÇÃO:  
Nelson Sampaio,  
Lourival Bernardo

DEPARTAMENTO COMERCIAL:  
Paulo Poucinha  
Expedito Grossi

PUBLICIDADE:  
Roberto Antunes,  
Francisco Lins  
Rio de Janeiro — David Klajmic

MARKETING:  
Mariene Bregman

ADMINISTRAÇÃO E REDAÇÃO:  
Rua do Russell, 804

Tel.: 265-2012  
Telex: (021) 21525. Rio de Janeiro

CIRCULAÇÃO:  
Francisco Távora Heitmann,  
Rua Frei Caneca, 511  
Tel.: 232-4355. Rio de Janeiro

PARQUE INDUSTRIAL:  
Rua Cordovil, 520. Lucas  
Tel.: 391-8000. Rio de Janeiro

DISTRIBUIÇÃO:  
Distribuidora Imprensa Ltda.  
Rua do Resende, 100  
Tel.: 244-3177. Rio de Janeiro

BRASILIA:  
Sérgio Ross  
Setor de Indústrias Gráficas,  
lote 939  
Tels.: 23-8163 e 23-9738

SÃO PAULO:  
Diretor: Pedro Jack Kappeller  
Salomão Schwartzman,  
Arnaldo Vitulli  
Publicidade:

Nelson Barbosa Jr.  
Rua Groenlândia, n.º 1.381  
Tel.: 282-3122. Telex: (011) 21161

MINAS:  
Lúcio Portella

Av. Afonso Pena, 1.500, 16.º andar.  
Tel.: 442-6114 e 442-7666

Belo Horizonte:  
Telex: (031) 1058

RIO GRANDE DO SUL:  
Edgard Wallau Junior  
Rua Otávio Rocha, 115, 18.º andar.  
Tel.: 244-744. Porto Alegre  
Telex: (051) 1042

PERNAMBUCO:  
Maria Dausy Cavalcanti  
Rua do Sossego, 264  
Tels.: 22-6807 e 22-6015. Recife  
Telex: (081) 1084

BAHIA:  
Carlos Olympio de Azevedo Neto  
Rua Chile, 22 - 11.º andar  
Tel.: 3-7787 - Salvador  
Telex: (071) 1214

PARÁ:  
Isaac Soares  
Rua Campos Sales, 268, conj. 901  
Tel.: 22-6845

PARANÁ:  
Bayard Osna  
Rua Marechal Deodoro, 211,  
conjunto 805  
Tel.: 24-8263. Curitiba  
Telex: (041) 5202

NOVA IORQUE:  
Sérgio Alberto Cunha  
680 Fifth Avenue, room 1.302  
New York — NY 10.019.  
Tels.: 246-8870 e  
246-8871. Telex: RCA-224440

PARIS:  
Sylvio Amaro da Silveira  
4, Place de la Concorde  
Paris 8ème, França  
Tels.: 073-3191 — 073-3192  
Telex: 280240

LISBOA:  
Maria do Amparo  
Rua Marques de Soveral, 2-A  
Tel.: 89-7335. Telex: 12213

MILÃO:  
Daisy Benvenuti  
Via del Bollo, 3  
Milano — Itália  
Tel.: 87-4007

TÓQUIO:  
Angel Esteves Dominguez  
Gotanda Daiwa Mansion Room, 503  
10-15, Higashi — Gotanda 1 — Chome  
Shinagawa-Ku — Japão  
Tels.: 445-4375 e 445-4383  
Telex: 28736



**92** Japão, país eletrônico: reportagem especial em cores de Zevi Ghivelder.



**122** Dewi Sukarno: uma Madame Butterfly em versão parisiense.



**70** Transplante de rim: num rim artificial, esta garota aguarda um doador.



**38** Obra do artista plástico Christo, uma muralha de náilon corta a Califórnia.

**84** Escravos, entre a senzala e a liberdade: novos documentos achados no Rio.



**4** Mao Tsé-tung: sua vida e sua morte (foto: Embaixada da China em Brasília).



**30** Os bons tempos da Nacional (C. de Alencar, Emilinha, Marlene e M. Barcelos).



**64** Chico Buarque: em sua nova fase, "o importante é achar a fala do povo".



**78** Arte popular brasileira: pesquisadores e antropólogos descobrem um novo mundo.

**BRASIL,  
PRESENÇA CRESCENTE  
NO CENÁRIO MUNDIAL**



**Para ele, suas músicas podem esperar o dia de amanhã. Após a onda de sucesso da Gota d'Água, o compositor se volta para o teatro popular**

# Chico Buarque

## "O importante é achar a fala do povo"

Reportagem de Carlos Jurandir • Fotos de Fred Hoffmann

**A** grande preocupação de Chico Buarque, atualmente, é estreiar como compositor de músicas eróticas, o que deverá acontecer, em breve. Além disso, está escrevendo duas peças de teatro, uma delas infantil. Dizem que também anda pensando em outra novela, após o sucesso de **Fazenda Modelo**; ele não confirma, nem desmente. Seu novo disco, que está sendo gravado em estúdio na Barra, deverá apresentar um novo Chico. Um Chico com apenas cinco composições para movimentar o aparatoso esquema de músicos, técnicos de som, produtores e divulgadores postos pela gravadora à sua disposição. E nenhuma dessas músicas é inédita. Chico Buarque de Holanda não compõe há quase um ano. Para preencher as faixas desse LP — o primeiro que ele grava sozinho, com músicas suas, após **Construção**, de 1971 — Chico está recorrendo a um material já lançado por outros intérpretes. A produção do disco o apanhou desprevenido. A música não tem sido sua maior ocupação, nos últimos tempos, e seu compromisso mais urgente na área era com a cantora Ornella Vanonne, com quem gravará um LP. Na Itália.

"Sabe como é — explica Chico —, não sou mais aquele garoto empolgado, carregando um montão de músicas de um lado para outro. Naquele tempo, eu fazia umas dez composições por ano. Agora, procuro outros estímulos. É mais fácil, para mim, colocar minhas músicas em

filmes ou peças. Veja o caso de **Vai Trabalhar, Vagabundo**; em disco, a música foi censurada, mas saiu, sem grilo, no filme de Hugo Carvana. E **Gota d'Água** está aí, um trabalho acabado e vivo."

As cinco composições programadas para o novo disco estão relacionadas com peças de teatro e filmes. **Basta um Dia** é de **Gota d'Água**; **Mulheres de Atenas** foi feita para uma peça de Augusto Boal; **A Noiva da Cidade** e **Passaredo** (musicadas por Francis Hime) são temas de um filme de Alex Viány, com argumento de Humberto Mauro; e **Olhos nos Olhos** é uma canção feita há alguns meses para Maria Bethania e já lançada no último disco da cantora.

Ao pegar o microfone para gravar, Chico pede que sejam apagadas todas as luzes do estúdio, exceto uma pequena lâmpada que lhe permite consultar o rascunho da letra, colocado sobre uma caixa acústica. Chico canta baixo, murmurado, após um gole do uísque que o acompanha. "A gente se acostuma, não é?" — comenta ele, a respeito da desordem do estúdio.

Mas, na realidade, concentrado, parece não ver os carretéis da gravação girando, os botões que deslizam sob dedos ágeis, as inúmeras luzinhas apagando e acendendo. Não nota os pares de olhos atentos que, dentro da cabina, não perdem um só dos seus movimentos.

**Quando você me deixou, meu bem/ Me disse pra ser feliz e passar bem/ Quis morrer de ciúmes/ Quase enlouqueci/ Mas depois, como era de costume, obedeci.**

"Às vezes, dá a impressão de que não vou fazer mais nada. Não sei o que vou transar em seguida, tenho apenas projetos. Mas tenho ainda muito o que dar, acho angustiante a sensação de trabalho terminado. Há momentos em que, por causa de

tanto obstáculo, dá vontade de tirar férias. Mas fica aflitiva a idéia de que a gente não tem mais nada para dar."

Depois do **show** com Maria Bethania, Chico não se apresentou mais em público. Dedicou-se à **Gota d'Água**, de parceria com Paulo Pontes, e, com o mesmo parceiro, começou a escrever **O Dia em que Frank Sinatra Veio ao Brasil**. Chico se diz atraído pelo teatro, por ser o caminho mais fácil de comunicação entre ele e o público. Sobre **Frank Sinatra**, diz:

"A peça é baseada naquela piada velha, decretada no dia da célebre visita de Sinatra — que nunca acontece. As pessoas se preparam para o acontecimento, e nada. Será uma comédia rasgada, como eu gosto, parenta do teatro-revista, embora não propriamente teatro-revista."

### Ele curte o anedotário urbano brasileiro

Uma peça baseada numa anedota popular não é um acaso dentro das intenções que movem a criatividade do outrora romântico compositor de **Carolina**: ele acha que a arte deve estar voltada para o povo, para a cultura popular e seu anedotário, seus dramas e problemas. A linguagem próxima do teatro-rebolado também não é uma coincidência: há anos que Chico tenta captar a linguagem comum do brasileiro, principalmente o brasileiro das classes médias urbanas e do operariado.

Ele acha possível construir uma expressão poética que, sem ser uma reprodução estática da maneira de falar do povo — segundo lhe parece, isso soaria falso — guardasse aproximadamente o jeito de falar do brasileiro médio da cidade. Por isso, sua opinião sobre as

raras críticas desfavoráveis à **Gota d'Água** é de que os críticos são preconceituosos com trabalhos que tratam de temas populares.

"**Gota d'Água** não tem a pernóstica de **descer até o povo**. A peça não é populista, como alguns disseram, mas popular. A fluência muito grande de contingentes do povo ao Carlos Gomes, onde a peça está agora, demonstra que as pessoas a quem o trabalho era dirigido entenderam. Mas não vou falsificar minha própria linguagem ou colocar na boca dos moradores de um conjunto habitacional palavras que, sei, eles não diriam. Também não vou empregar palavras que eu não falaria, certo? Não é a linguagem de Mário Viana, mas a de João Saldanha, entende? Procurei um termo comum entre o habitante do conjunto e o intelectual. O ideal seria fazer teatro para o povo. Não tive essa intenção. Se eu quisesse fazer alguma coisa diretamente para o povo, estaria escrevendo novelas de televisão."

Não resta dúvida que, por trás do compositor aparentemente desinteressado da música, está o mesmo Chico que bebe a sua cerveja numa das mesas do Carioca Esporte Clube, onde aparece duas vezes por semana para participar da pelada de futebol-de-salão com o pessoal do MPB-4. A bebidinha consumida antes do jogo é para **desenferrujar as canelas** e, principalmente, conseguir inspiração na hora de convencer os outros jogadores de que, dessa vez, **terminantemente**, ele não irá para o gol.

Apesar dos 32 anos, Chico é lento nos dribles, compromete a defesa e, no ataque, prefere passar a bola a um companheiro. Perseguido por repórteres e fotógrafos, ele se queixa de, em outras atividades, não conseguir passar a bola adiante com a mesma facilidade.

**Aos 32 anos, Chico diminui o embalo das composições. Pensa numas canções eróticas que não sabe como chegarão às bancas. E volta toda a sua criatividade para o teatro, escrevendo, com Paulo Pontes, O Dia em que Frank Sinatra Veio ao Brasil.**

SEGUIE

**N**A letra feminista de *As Mulheres de Atenas*, ele cita criticamente aquelas que são vergastadas. E se ajoelham, pedem e imploram



**Ao gravar** seu novo disco, com músicas já conhecidas, Chico quer reproduzir o clima em que se inspirou. E pede silêncio.

**P**ELO menos três vezes por ano, precisa trocar de telefone, que toca o dia inteiro. E vive mudando de empregada, já que o serviço principal na casa da família Buarque de Holanda consiste em atender telefonemas e anotar recados: "Elas piram" — explica o poeta.

Se não corre rápido atrás da bola, esse menino-velho de fala mansa e gestos manhosos é um implacável perseguidor de idéias. A última é a de compor músicas eróticas a partir do tema que está trabalhando, há meses, para o filme *Dona Flor*, de Bruno Barreto. A música ainda não saiu, mas Chico está pensando — a sério — em produzir canções eróticas. E já imagina os discos, distribuídos nas bancas das revistas, encapados com o envelope — "proibido para menores de 18 anos". Tão proibidos quanto algumas músicas que ele faz, inocentemente, para seus discos e, cada vez mais, para peças e filmes.

"A Censura não me inspira, mas também não me atrapalha grande coisa. Há o desalento, mas também a necessidade vital de superá-lo. Nessa fase, apesar de tudo, tenho trabalhado muito. Muito mais do que há alguns anos, quando a barra era mais branda. Tenho procurado sair por outros caminhos."

Chico, a cabeça curvada, os olhos fechados, sussurra *Mulheres de Atenas*. Sua voz repercute pouco no estúdio enorme. De vez em quando, Francis Hime, seu parceiro e autor dos arranjos, interrompe: "Ó Chico, você está com medo do dó menor? E aquele sol, cadê? Acho

que você está em greve contra o sol, hem?"

Os dois vão para o piano, os carretéis param de girar, e repassam mais uma vez a música. Chico ri da própria atrapalhão, mas acusa — delicadamente — a presença do repórter e dos fotógrafos que lhe estariam dificultando a concentração. Quanto a Francis, conhecedor das manhas do parceiro, em tom de brincadeira vai colocando Chico no caminho certo.

"Gosto de me sentir exatamente como no momento em que compus a música — explica o poeta, justificando as luzes apagadas, os olhos fechados e o ar contrito com que começou a gravar seu novo disco. — Preciso de solidão para dar à interpretação todo o sentimento que a canção me inspira: **Mire-se no exemplo das mulheres de Atenas/Vivem para seus maridos, orgulho e raça de Atenas.**

**Quando amadas, se perfumam/Se banham com leite, se arrumam/Suas melenas/Quando fustigadas, não choram/Se ajoelham, pedem, imploram.**

"Não sou especialista em cultura popular, mas ela está aí. Então não a ignoro. Minha formação é de classe média, sou justamente aquele cara de cultura prensada: de cima, a cultura que vem de fora, em disco, livro, filme e teatro estrangeiro. De baixo, a voz das ruas, a **nossa voz**, o povo. Aceito essa influência, assim como aceito a influência do **rock**. Mas, nos dois casos, acho que tenho o senso crítico para evitar tanto a descaracterização quanto o paternalismo."

Chico está tomando novos compromissos, com a literatura, por exemplo, que vem

consumindo em seus momentos de folga. Autores novos brasileiros e latino-americanos, como Scorza e Vargas Llosa. Mas diz que não tem pretensões literárias, apesar de, em sua cabeça, "estarem pintando algumas coisas censuráveis". Outra novela? "A censura é tão grande na literatura quanto na música popular ou na televisão". Outro compromisso é o de gravar um disco com a italiana Ornella Vanone. E montar uma peça infantil *Os Saltimbancos*, de autoria de Sergio Bersotti e Luís Enríques. Mais duas obrigações tomadas muito a sério: com o jornal *Movimento* — onde é membro do conselho de redação, comparecendo infalivelmente às reuniões de pauta, em São Paulo — e com a *Sombrás*.

"Gostaria de ter tempo para entrar mais firme no trabalho com o pessoal da *Sombrás*."

Quanto ao que está se ouvindo na área da música ele acha que os compositores, ao procurarem ir às raízes das manifestações artísticas do interior do país, estão revitalizando a música. Chico faz algumas restrições ao **sambão-jóia** — samba comercial que prolifera nas paradas de sucesso — achando que ele pode desvirtuar, principalmente o trabalho dos compositores de escola de samba.

**M**AS não se pode, simplesmente, condenar o **sambão-jóia**. Não é esse o momento das pessoas que fazem música brigarem umas com as outras. Melhor **sambão-jóia** do que som estrangeiro. Nossa briga é uma disputa de mercado com esse ritmo vindo de fora e que tem muito mais condições de ganhar o gosto popular, através da maciça divulgação de que dispõe. Nesse assunto, os critérios de qualidade são relativos: a pior música nossa ainda é melhor do que a melhor música estrangeira."

Quanto ao novo disco, Chico diz que as composições irão saindo à medida que ele se empolgue com o "clima do estúdio". Serão sambas? Marchas? Valsas? Chico não sabe:

"Sei lá, é melhor ir deixando as coisas acontecerem. Eu agora ando meio **na encolha**, mas pode ser que de repente chegue a hora de botar tudo para fora, não é? **Xô, tié-sangue/Xô, tié-fogo/Xô, rouxinol sem fim/Some, coleiro/Anda, trigueiro/Te esconde, colibri/Bico calado/Toma cuidado/Que o homem vem aí (Passaredo, de Chico e Francis Hime).**

**As alianças com diamantes Frankel podem ser encontradas nas seguintes joalherias:**

Frankel Brilhantes  
Rua José Bonifácio 93,  
8.º andar, cj. 81.  
Tels. 32-3489 e 35-2243  
São Paulo, SP.

\*

Frankel Jóias  
Av. Ibirapuera 3.103, loja 6,  
Piso Ibirapuera,  
Shopping Center Ibirapuera.  
São Paulo, SP.

\*

Joalheria Regina  
"O Amor da Cidade"  
Av. Joaquim Leite 484.  
Tel. 72-2383, Barra Mansa, RJ.

\*

Joalheria Glorinha  
Rua Gonçalves Dias 16.  
Tel. 242-8631, Rio de Janeiro, RJ.

\*

Joalheria Niterói  
Rua José Clemente 22.  
Tel. 722-1531, Niterói, RJ.

\*

M. Bergerson  
Rua Voluntários da Pátria 117.  
Rua 15 de Novembro 384,  
Galeria Minerva, loja 10.  
Rua Monsenhor Celso 23.  
Curitiba, PR.

\*

Marchi  
Rua Barão 777, Jundiá, SP.

**GF** Frankel